

## A ESCOLA E OS DISCURSOS

*“Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”*

### ***Preliminar 2***

MARCELO MAZZUCA

1

Em “a era da pressa”, como alguma vez a nomeou *Ketama*<sup>1</sup>, onde as agrupações chamadas “psicanalíticas” proliferam e os autodenominados “analistas” avançam a toda velocidade, vale a pena lembrar que Lacan chamou “Escola” a sua iniciativa. Nosso próximo encontro do Campo Lacaniano constitui uma boa ocasião para revisar o sentido dessa aposta coletiva: dos seus dispositivos, seu funcionamento e seus resultados. Sem esse “controle” exigido pela experiência, corre-se sempre o risco de avançar com “tanta pressa para lugar nenhum”<sup>2</sup>.

O termo “escola” evoca as escolas antigas, pré-universitárias e pré-científicas, onde os discípulos reuniam-se ao redor de um “Mestre” e formavam-se na órbita do seu discurso. Tentativa de “captura” de um saber no marco de um ensino, numa transmissão que passa de mão em mão. Nesse sentido, a escola lacaniana é herdeira de outra iniciativa, a do “Seminário de Jacques Lacan”, um dispositivo de ensino bem curioso. Provavelmente, sua mais legítima “invenção”. Ali sustentou um discurso que tentava prolongar o de Freud, e no qual foi “professor”, “ensinante” e mesmo “analísante”. E às vezes, por quê não admitir, “histórico”, “mestre” e até “universitário”. De qualquer forma, foi onde aprendeu que “[...] o efeito que se propaga não é de comunicação da fala, mas de deslocamento do discurso”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Grupo de música de flamenco-pop espanhol.

<sup>2</sup> Letra e música de “Paren el mundo” de *Ketama*: <https://www.letras.com/ketama/855699/>

<sup>3</sup> Lacan, J. (1972). Radiofonia, in *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 405.

Em síntese, um modo de contribuir com a formação dos analistas desde um discurso congruente com a prática discursiva da psicanálise. Na minha opinião, uma Escola de Psicanálise só pode ter sentido nessa mesma direção: pôr ao analista e ao saber “na berlinda (*al banquillo*)”<sup>4</sup>. Nesse sentido, se parece com “o jogo da dança das cadeiras”<sup>5</sup> no qual os participantes circulam ao redor e apressam o passo para encontrar a oportunidade de sentar-se. No entanto, neste caso o prêmio não é um troféu e o banco (*banquillo*) não é um escabelo. Na medida em que o jogo da Escola avança e quantas menos cadeiras (*banquillos*) restam, mais interpelado fica quem participa. “A escola da cadeira” ou “o jogo da berlinda (*banquillo* / banco do réu)” é o modo que encontrou Lacan para ceder “assento” a um discurso que lhe precedia e com o qual ele mesmo tinha-se comprometido, primeiro como praticante e depois como ensinante.

Porém, atenção! Na Escola não se trata, como às vezes se diz, somente do discurso analítico. Se algo do laço a dois pode ter a oportunidade de encontrar nos dispositivos e disposições uma sorte de prolongação, isso não pode acontecer sem a participação dos discursos restantes.

## 2

Trata-se, então, “dos discursos”. Com quatro pés cada um e quatro ao tudo, embora sem constituir nenhuma totalidade. Deles, interessa-nos seu giro permanente e sua diferença com os discursos forclusivos: o da ciência para com seu “sujeito” e o do capitalismo para com “as coisas do amor”. Para aproximar-se do seu funcionamento, uma alternativa é prestar atenção às fórmulas (“regra de primeira aproximação”, dizia Lacan) e ao que acontece com o *saber*.

O mais original, clinicamente falando, é que situam o saber como um potente meio de gozo: “meio ambiente”, como testemunha o pensamento obsessivo; e “meio de transporte”, como demonstra o corpo histérico. Mas, fundamentalmente, é “meio de produção”; e como analistas sabemos que o seu produto mais elaborado é o próprio sintoma. Sendo utilizados como ferramenta

---

<sup>4</sup> Em português, nos textos de Lacan aqui referidos, “banquillo” (*sellette*, em francês) foi traduzido “berlinda”. Lembramos que “berlinda” significa: ouvir nos jogos de prendas a enumeração dos seus defeitos ou de qualidades e, por extensão, ser alvo de censuras ou motejos. Em espanhol a expressão – pouco usada em Argentina – *poner, estar en berlina* – tem o mesmo significado. A expressão refere a estar no “banco do réu”. O autor faz um trocadilho entre as palavras “*banquillo*” (banco) e “*silla*” (cadeira). Para melhor compressão do texto e do jogo de palavras, mantivemos, entre parêntese, as palavras “banquillo/banco”.

<sup>5</sup> Jogo no qual, do início até o fim, há sempre uma cadeira a menos do que a quantidade de participantes. Sua regra consiste em andar em volta das cadeiras até que a música se interrompa e os participantes se precipitem na busca do lugar para sentar-se. O ganhador é quem consegue sentar-se quando restam apenas dois participantes e uma cadeira.

clínica, esses “aparelhos de gozo” – que são os discursos – permitem diferenciar quatro estatutos diferentes do saber, os quais dependem do lugar onde se produz sua captura: *saber imposto* (no discurso Universitário), *saber exposto* (no discurso do Mestre), *saber suposto* (no discurso da Histórica) e *saber em texto* (no discurso do Analista). Ainda que, na verdade, são quatro estatutos “mais um”, uma vez que *o saber fazer* com o sintoma – no qual consiste para Lacan o final de análise – não é equivalente a nenhum dos outros quatro. Em certa medida, a este se acessa por ter deixado para trás ao conjunto dos discursos, sendo aquele que se tenta reconhecer na experiência de autenticação do desejo do analista, na qual consiste o Passe.

Esse é o caminho aberto por Lacan uma vez fundada a sua Escola: o do campo do desejo na sua relação com o campo do gozo, o qual quis que se denominara “campo lacaniano”, e a partir do qual tentamos abrir a pergunta: “*Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?*”<sup>6</sup>

“O saber, então, é posto no centro, na berlinda<sup>7</sup>, pela experiência analítica”<sup>8</sup>, diz Lacan quando começa a pesquisar esse campo em 1969. Trata-se de uma expressão que evoca aquela utilizada nos seus *Escritos*: “colocarei<sup>9</sup> o analista na berlinda”<sup>10</sup>. Onde antes de fundar sua Escola estava o analista, agora está colocado o saber. Isso quer dizer que não se trata somente de situá-lo como elemento “capital”, mas de fazê-lo girar, de tentar desloca-lo em direção ao lugar da verdade para interroga-lo, para que dê suas razões e demonstre suas limitações. Então, se pudéssemos personifica-lo, senta-lo no banco (*banquillo*) em que consiste a Escola, e conseguir que ele mesmo, o *Saber*, fosse nosso *Ménon*, poderíamos dirigir um interrogatório que revele alguns dos seus truques:

O sr., *Saber*, sabe-se? Mora sozinho ou tem parceiro/a? O que faz? Trabalha? Para quem e para quê? Sente-se completo? Acredita em poder completar-se? Que relação mantém com o conhecimento? Conhece-o? E com a verdade? Não minta! O sr. é sujeito ou objeto? Tem mãe, pai,

<sup>6</sup> Lacan, J. (1970). Alocução sobre o ensino, in: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 367.

<sup>7</sup> Em espanhol: “*La experiencia psicoanalítica pone en el centro, en el banquillo, al saber*”. Lacan, J (1969-70) *El Seminario. Libro 17: El reverso del psicoanálisis*, Paidós, Buenos Aires, 2002, p. 31.

<sup>8</sup> Lacan, J. (1969-1970). O Seminário. Livro 17: *O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 28.

<sup>9</sup> Em espanhol: “*poner al analista en el banquillo*”. Lacan, J (1958) *La dirección de la cura y los principios de su poder*, Siglo Veintiuno, Buenos Aires, 1993, p. 567.

<sup>10</sup> Lacan, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder, in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 593.

irmãos talvez? O que me diz dos seus ancestrais? Alguém lhe desejou alguma vez? Finalmente, a pergunta mais importante e a mais candente: O sr., *Saber*, *que relação mantém com o gozo e com o real?* Por favor, confesse! Ou admita a sua incompetência.

Tradução: Sandra Berta